



GILVANI ACOMPANHA A FILHA SAMARA, QUE TEM CÂNCER: "TODOS JÁ SE CONHECEM, ASSIM FICA MAIS FÁCIL CONVIVER"

JUNTOS, NA DOR

ACOMPANHANTES DE PACIENTES INTERNADOS EM HOSPITAIS VIVENCIAM NO DIA-A-DIA O SOFRIMENTO E A ANGÚSTIA PROVOCADOS PELA DOENÇA

DF - Série

Erica Montenegro
Da equipe do Correio

Nas enfermarias e nos pronto-socorros dos hospitais, as dificuldades transformam desconhecidos em amigos fraternos. As situações de estresse que doentes e familiares vivem durante a internação costumam ser amenizadas pelo sentimento de solidariedade que se estabelece entre eles. Na maioria dos casos, porém, os laços se desfazem assim que os pacientes recebem alta.

No Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF), há cerca de 900 pessoas internadas — entre os que estão no pronto-socorro e nas clínicas médicas. Aproximadamente 70% dos doentes têm ao seu lado um acompanhante. Pai, mãe, marido ou amigo, a quem cabe apenas uma cadeira para recostar o corpo cansado de vigílias. Por causa da falta de funcionários e de médicos, os acompanhantes assumem a responsabilidade por seus doentes. São eles que dão banho, alimentam e, muitas vezes, brigam para que os pacientes recebam os remédios prescritos pelos médicos.

O cotidiano é ainda mais extenuante para os que não moram no Distrito Federal: não há ninguém para substituí-los à beira da cama do enfermo. Alguns acompanhantes chegam a se comportar como pedintes nos corredores do hospital. A romaria é para arranjar dinheiro para comer. Até setembro do ano passado, eles tinham direito a três refeições gratuitas por dia. O Ministério da Saúde fez cortes e, hoje, o hospital fornece apenas uma refeição. "Tem gente que depende da caridade da equipe médica ou de outros pacientes para se alimentar direito", afirma o diretor do Hospital de Base do Distrito

Federal, Aluísio Toscano.

A doença e a penúria dos hospitais minam o equilíbrio emocional de acompanhantes e pacientes, mas ainda assim histórias de amor ao próximo e de superação são vividas nas enfermarias. "Depois de alguns dias de internação, eles já se comportam como familiares", diz Aluísio Toscano. "O que contribui para que se restabeleçam", completa.

Nesta página, seguem relatos sobre o cotidiano de duas enfermarias, localizadas no sétimo andar do HBDF, onde ficam as crianças que enfrentam problemas sérios de saúde.

QUARTO 715, DIÁLISE PERITONIAL INTERMITENTE, HOSPITAL DE BASE DO DISTRITO FEDERAL (HBDF)

As crianças que precisam se submeter a diálise — tratamento adotado para doentes renais — se encontram, pelo menos, três vezes por semana no sétimo andar do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF). O círculo de amigos da enfermaria é praticamente o único que elas têm, já que as internações as afastam das salas de aula, dos amigos da vizinhança e até dos próprios irmãos.

Sempre que chegam à pediatria, meninos e meninas cumprimentam-se e, para que a brincadeira comece, basta que um deles olhe para o outro. Apesar de fragilizadas por doenças, as crianças inventam pique-pegas, esconde-escondes e jogos de futebol, dentro dos quartos ou pelos corredores do hospital. A diversão só dura até que as mães, as enfermeiras ou os médicos perce-

bam o que a turma está aprontando.

O comportamento das mães da diálide é bem diferente do dos filhos. Elas conversam pouco e, quando se falam, não costumam chamar-se pelo nome. Normalmente, uma mãe trata a outra pelo nome do filho. Lenice Pereira da Silva, 26 anos, é a "mãe do Marquinhos". Marinês Pereira Alves, 29 anos, é a "mãe de Eliane". Márcia Barbosa, 26, é a "mãe de Wendel".

Marquinhos, 3 anos, um garoto moreno e sorridente, tem um problema nos rins chamado síndrome nefrótica. Faz diálise às terças, quartas e quintas. Eliane, 5 anos, é uma garota de cabelos loiros crespos que vive agarrada na mãe. Lenice e Marinês — as mães de Marquinhos e Eliane, respectivamente

— estão sempre juntas, fazendo bordados e crochês. Mas o convívio é silencioso. Uma não costuma perguntar sobre a vida da outra. "Só de vez em quando a gente fala alguma coisa que é para disfarçar a tristeza", conta Marinês.

O quarto 715 também é ocupado por Wendel, 6 anos, e pela mãe dele, Márcia. Entristecida, Márcia tem sua própria teoria sobre a falta de comunicação entre aquelas mulheres. "Aqui a gente fica muito irritada, muito nervosa", conta. "Não tem paciência para fazer nada", completa. No dia em que a equipe médica informou que Wendel passaria da diálise para a hemodiálise, Márcia não dividiu a dor com ninguém do hospital. "Esperei chegar em casa, lá eu desabei", conta.

QUARTO 707, HEMATOLOGIA INFANTIL, HOSPITAL DE BASE DO DISTRITO FEDERAL

A manhã começa com oração na hematologia infantil, onde ficam internadas as crianças que têm câncer. A evangélica Roseni Gomes Pedrosa, 32 anos, puxa uma prece pela recuperação de cinco meninos e uma menina que estão no quarto 707. As outras mães, em círculo e de mãos dadas, a acompanham. Durante o dia, serão realizados mais dois rituais como este — um antes do almoço e o outro na hora do jantar.

Na hematologia, o companheirismo entre as mães é grande. A maioria se conhece de encontros anteriores no Hospital de Apoio ou no escritório da Abraccine, instituição que apóia as famílias das crianças que têm câncer. "Todo mundo aqui já se conhece, por isso fica fácil conviver", fala Gilvani Josefa Gomes, 31

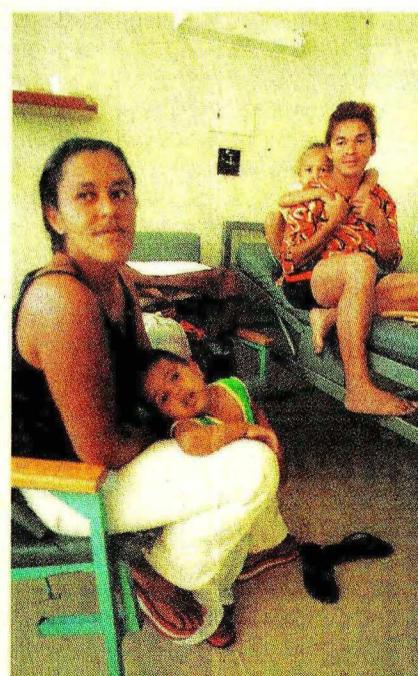
anos. Ela é mãe de Samara, 4 anos, a única garota do quarto, uma menina franzina que luta contra o câncer nos pulmões e nos rins.

Se as mães são falantes, acontece justamente o contrário com as crianças. Meninos, meninas e adolescentes passam a maior parte do tempo calados e inertes, cada um em sua cama. A dor e os muitos remédios os deixam entorpecidos.

Roseni, mãe de Felipe, de 3 anos, é a mais comunicativa das seis mulheres que estão hospedadas no quarto 707. "A gente se dá muito bem, tentamos passar força umas para as outras", conta. O assunto predominante nas conversas é a doença dos filhos. Elas trocam informações sobre a evolução do quadro das crianças, sobre os avanços da ciência e também sobre as chances de cura.

As histórias dos pacientes que passaram pela enfermaria também são temas freqüentes entre as mulheres. "Qualquer notícia das crianças que já passaram por aqui, seja ela boa ou ruim, repercute de uma forma impressionante", relata Maria Cristina Maciel, médica responsável pela ala. O último destes acontecimentos, infelizmente, foi triste: a morte de uma garotinha chamada Michele, no final de janeiro. "A mãe dela já apareceu aqui para nos visitar, o que fizemos foi tentar confortá-la", fala, mais uma vez, Roseni.

Por causa da crise na saúde pública, as mães também costumam compartilhar caixas de remédios. "Quando alguém não têm a gente empresta do nosso, todo mundo aqui passa por dificuldades", comenta Maria Aparecida Gonçalves Lopes, 25 anos, mãe de Carlos Henrique, 5 anos, que tem leucemia.



LENICE E MARINÊS, COM OS FILHOS MARCOS E ELIANE: AMIZADE NO HOSPITAL